

pre complicados, pela multidão de 'vales' sempre incertos"(188). A versatilidade de Patrocínio comprometia tudo, porém: "A *Cidade do Rio* entrava na decadência fatal, tanto pelos desmandos econômicos, como descrédito a que a arrastava na opinião pública a versatilidade com que Patrocínio punha o jornal, sucessivamente, a serviço de causas ingratas e antagônicas"(189). O juízo que dele faziam todos, inclusive os que lhe pagavam a opinião, era triste: "De sua sinceridade dizem horrores. Os homens que hoje engrandece, ataca-os amanhã. E vice-versa. Usa as opiniões como as gravatas"(190). Esse juízo é generalizado. José do Patrocínio, que se engrandecera na campanha abolicionista — seu instante de glória — passaria os anos seguintes a deteriorar-se em público, num espetáculo grotesco, tolerado pelo seu talento, usado como instrumento e, em seu exemplo eloquente, representando, afinal, um libelo contra a sociedade que condicionava a existência de figuras dessas características. Jornalista autêntico, entretanto, morreria escrevendo o seu artigo para *A Notícia*, de pena à mão, em plena atividade. *A Cidade do Rio*, cuja data de fundação escolhera a propósito — 28 de setembro de 1887 — em homenagem à Lei do Ventre Livre, seria a trincheira abolicionista mais forte da Corte, para transformar-se, depois, no balcão em que Patrocínio alugava o seu talento e a sua arte. Não podendo vencê-lo nem perdoar-lhe a cor e a origem e o abolicionismo, os afortunados enxovalharam-no, usando-o(191).

O século aproximava-se do fim. O *Jornal do Brasil* instalara oficinas de fotografia e galvanoplastia. Publicava os desenhos de Julião Machado, Artur Lucas (*Bambino*) e Raul Pederneiras, o segundo como ilustrador de histórias em quadrinhos. Tendo deixado de circular em abril de 1900 *A Imprensa*, de Rui Barbosa, passara este a escrever as notas políticas do *Jornal do Brasil*. Múcio Teixeira fazia ali crítica literária, acusando de me-

(188) Vivaldo Coaracy: op. cit., pág. 237.

(189) Vivaldo Coaracy: op. cit., pág. 239.

(190) Luís Edmundo: *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, 3 vols., Rio, 1938, pág. 626, II.

(191) José Carlos do Patrocínio (1854-1905) nasceu em Campos, província do Rio de Janeiro. Estudou medicina, não chegando a concluir o curso, que trocou pelo jornalismo. Começou na *Gazeta de Notícias*, como repórter, ali publicando, em folhetins, os romances *Mota Coqueiro* ou *A Pena de Morte*, e *Os Retirantes*. Iniciou na *Gazeta de Notícias* a campanha abolicionista, com Ferreira de Menezes, com quem se retiraria para fundar a *Gazeta da Tarde*, onde prosseguiram aquela campanha, que Patrocínio continuaria sozinho, após a morte de Ferreira de Menezes, quando assumiu a direção do jornal. Fundou depois a *Cidade do Rio*, em cuja direção o encontrou o 13 de Maio, a partir do qual passou a fazer a defesa do *isabelismo*. Aderiu à República e combateu o governo de Floriano, o que lhe valeu o desterro para Cucuí. Teve uma velhice triste e pobre, embalada pelos sonhos do transporte em balão. Seus funerais, apesar do descrédito em que caíra nos últimos anos, foram imponentes.